

PREFÁCIO

Se eu fosse o diabo (sem comentários, por favor), um dos meus primeiros objetivos seria impedir que as pessoas se interessassem pela Bíblia. Sabendo que ela é a Palavra de Deus e tem como propósito ensinar as pessoas a conhecer, amar e servir ao Deus da Palavra, faria todo o possível para cercá-la de equivalentes espirituais a armadilhas, cercas de espinho e ciladas, para afugentar as pessoas.

Com vaidosa presunção, sem dúvida, como se estivesse recebendo um elogio, admitiria que o velho e sábio Jonathan Edwards deixou-me absolutamente consciente de minhas intenções quando escreveu: “O diabo jamais se disporia a promover no coração das pessoas uma grande admiração pela Palavra divina, a qual Deus designou como a grande e permanente norma... Ousaria o espírito do erro, em sua constante tentativa de enganar os seres humanos, despertar neles um alto apreço pela regra infalível e incliná-los a valorizá-la e a familiarizarem-se com ela? O diabo sempre demonstrou profundo desprezo e odiou o livro santo, a Bíblia: e tem feito tudo o que está em seu poder para extinguir a sua luz... Ele está empenhado numa luta contra a Bíblia e odeia cada uma de suas palavras”. Eu lutaria todos os dias para provar a veracidade das palavras de Edwards.

Como? Bem, tentaria dissuadir todos os pastores e sacerdotes de pregar e ensinar a Bíblia e espalharia o sentimento de que o estudo pessoal deste livro antigo é um fardo extra que os cristãos modernos podem dispensar sem grande prejuízo. Propagaria dúvidas a respeito da verdade, da importância, do bom senso e da honestidade da Bíblia e, se porventura alguém ainda insistisse em lê-la, eu os induziria a admitir que o benefício da leitura se resume aos sentimentos nobres e tranquilos que ela evoca e não em atentar para aquilo que as Escrituras realmente proclamam. De todas as formas tentaria impedi-los de usar disciplinadamente suas faculdades mentais para compreender a dimensão de sua mensagem.

Se eu fosse o diabo, avaliando meu trabalho nos dias de hoje, creio que ficaria satisfeito com o progresso alcançado. Mas ficaria muito infeliz ao ver este livro escrito por meu amigo – quero dizer, amigo de J. I. Packer –, o “R. C.”.

Por mais de um século a teologia protestante tem vivido em conflito a respeito da Bíblia. O primeiro foco de agitação foi a inspiração, com seu corolário – a inerrância. Há cinquenta anos o debate voltou-se para a revelação, o método e o conteúdo da comunicação de Deus por meio de Escrituras supostamente falíveis. Atualmente o interesse central é a interpretação, e o subjetivismo, tendo ontem concluído que a Bíblia não é nem verdadeira nem confiável, hoje a interpreta fundamentado na alegação de que sua mensagem para nós não apresenta consistência nem clareza. Os resultados dessa postura são, frequentemente, desorientadores e confusos. Contra esse cenário, o vigoroso trabalho escrito por Sproul, como introdução e auxílio à tarefa de interpretação pessoal das Escrituras é mais do que bem-vindo.

Quais são as qualidades essenciais desta obra? Clareza, bom senso, competência na matéria e um entusiasmo crepitante que transforma o autor, um *bom* comunicador, num comunicador *excelente*. A Bíblia o fascina e sua fascinação nos contagia. Prove e comprove! O trabalho de Sproul sobre estudo bíblico o levará a desejar estudar as Escrituras assim como irá equipá-lo para a tarefa: e

que virtude maior poderia um livro apresentar? Há problemas técnicos de hermenêutica que estão além do escopo deste livro, mas o básico está presente com uma ênfase salutar na objetividade da instrução de Deus encontrada nas Escrituras e na racionalidade do método proposto para decifrá-la e aplicá-la. É um prazer e um privilégio recomendar ao público cristão um livro planejado para fazer tanto bem.

J. I. PACKER
Trinity College
Bristol, Inglaterra